

DORA DANÇA

Luciano Lozano



Resenha

Dora não gostava de ir à escola e não costumava tirar boas notas. Entender a lógica por trás de cálculos matemáticos lhe era especialmente difícil. Certo dia, quando a mãe da menina recebe um bilhete preocupante dizendo que sua filha não conseguiria passar de ano se não aprendesse a tabuada, resolve contratar um professor particular. Dora, ainda assim, não consegue se concentrar – de modo que seus pais decidem levá-la ao médico e, depois, ao psicólogo. A garota se entristecia ao perceber que todos os adultos ao redor pareciam acreditar que havia algo de errado com ela, enquanto ela mesma não achava que tinha problema algum.

As coisas só começam a mudar devido à sensibilidade e perspicácia do psicólogo, que, certo dia, teve a ideia de colocar uma música para tocar no consultório e deixar Dora sozinha por alguns momentos. Qual não foi a surpresa da mãe ao notar a menina era capaz de se movimentar com inesperada graça, completamente conectada com o ritmo da música. O psicólogo, afinal, resolveu o mistério: não havia nada de errado com ela, pelo contrário: tinha um enorme talento para a dança. E foi assim que, depois de encontrar seu lugar em uma escola de dança, cheia de outras crianças que gostavam de se mexer tanto quanto ela, ficou muito mais fácil para Dora aprender Matemática...



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Em *Dora dança*, Luciana Lozano lembra, por meio de uma narrativa simples, que existem diferentes maneiras de pensar, aprender e se colocar no mundo. Assim, não se deve esperar que todas as crianças se ajustem aos mesmos processos de aprendizagem. A protagonista do livro é uma garota que pensa com o corpo e tem dificuldade de se adaptar a uma escola que privilegia o conhecimento teórico em detrimento do movimento. Até que seus pais e ela própria se dão conta de que ela precisa se mover e estudar dança para desabrochar e encontrar seu lugar no mundo.



Depoimento

De Maria Fernanda Silva Pinto,
professora e mãe

Dora tem muita vida! Assim como sempre queremos que nossas crianças tenham. Mas, às vezes, essa energia vital tão fabulosa é interpretada como um problema pelo mundo adulto. No fundo, o que é o mundo adulto senão um jeito de viver de quem já se acostumou com as regras? O papel da escola não é justamente apresentar parte das regras para nossos pequenos? Mas será que toda regra é boa?

Assim foi com Dora. Tinha que aprender a sentar, a silenciar, a focar sua atenção, aprender os saberes que convencionalmente são tidos como fundamentais para cada idade. Só que Dora não cabe em si! Ela quer transbordar em movimentos. Mas, como não pode, dá asas ao pensamento, estica-os – já que seus músculos e pele precisam ficar parados. Daí a dificuldade aparece, não como um corpo contido que pulsa de vida, mas como uma tabuada que não se aprende ou uma nota de prova que não se aprova.

Bem, além de mãe, sou professora. E, além de ser professora, tenho uma filha que acaba de entrar

na escola – e que também estranhou aquele mundo de regras. No começo da leitura de *Dora dança*, minha pequena foi categórica: “Eu não gostei da escola! Lá quase nunca posso brincar como quero. É como essa professora aí, que escreve, escreve e não deixa as crianças desenharem”. Foi assim que descobri que Dandara adora desenhar na lousa.

De fato, a gente se esquece de como esse formato escolar de fileiras e carteiras tem pouco a ver com aprender a manejar números, letras... Relaciona-se muito mais à contenção do corpo, a uma forma de domesticação dos nossos movimentos, que tem relação com um certo mundo do trabalho do qual nem gostamos tanto assim. Aprender a calar o corpo é, de muitas maneiras, um jeito de conter a vida pulsando em nós; um jeito de ajeitar nossa energia para ela caber em normas que estamos reproduzindo há tempos.

O curioso é que minha filha se achegou ao livro justamente pelo movimento: apaixonou-se logo de cara pelo desenho das cortinas. “Elas ventam, não é?”, observou. Realmente, as ilustrações de *Dora dança* trazem uma riqueza de expressões que faz parecer que tudo está se mexendo. Em Dora, assim como em Dandara e em inúmeras outras crianças, o corpo fala mais alto. Ela quer se exprimir e por isso



contraria tanto o espremer-se em carteira e cadeira da sala de aula. Aprender é o mesmo que encaixar-se, em mente e corpo? Para muitos ainda é.

Talvez seja uma maluquice, mas ensinamos as crianças a parar e depois cobramos dos adultos que se mexam para manter sua saúde. Parece que nosso modo de vida decidiu transformar o corpo num problema constante. É esse o problema que se resolve ao final da história, quando outros espaços, outras experiências se somam ao cotidiano da pequena Dora, dando vazão à sua vitalidade. Assim também foi como resolvemos por aqui. A pracinha tornou-se uma parada diária obrigatória, o livre brincar, a visita aos pequenos amigos e o centro cultural do bairro tornaram-se nossos refúgios. E, depois de Dora, a vontade de dançar ficou ainda mais forte por aqui!

Creio que este seja um dos maiores desafios colocados para nós, familiares de crianças e adolescentes de hoje: conseguir sair do discurso normativo que nos impede de reconhecer as virtudes de nossas crias e poder olhar o mundo assim como aquele sábio psicólogo que percebeu em Dora não um problema, mas um baita desejo de existir.



Um pouco sobre o autor

Luciano Lozano nasceu na Espanha em 1969. É autor, artista gráfico e ilustrador. Seu trabalho pode ser visto em jornais, revistas e livros ao redor do mundo. Em 2007, especializou-se em ilustração e, desde então, já recebeu diversos prêmios nessa categoria. *Dora Dança* é seu primeiro trabalho como autor e ilustrador.



Dicas de leitura

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *Amoras*, de Emicida. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *A parte que falta*, de Shel Silverstein. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *O livro da dança*, de Inês Bogéa. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Os diferentes*, de Paula Bossio. São Paulo: Pulo do Gato.
- ✦ *Valentina cabeça na lua*, de Adriana Falcão. São Paulo: Salamandra.